

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

COLEÇÃO CONESUL

1. CLEMENTE, Eivo. *Integração: Língua, Cultura e Literatura*. 92p. A obra pretende traçar o perfil cultural e sócio-político do Cone Sul para as próximas décadas em que as fronteiras serão apenas indicações geográficas sem restrições ao livre trânsito de pessoas, de idéias, de bens culturais e de outras utilidades.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE: (051) 339.1511 Ramal 3323
FAX: (051) 339.1564

O STATUS FONOLÓGICO DA VIBRANTE

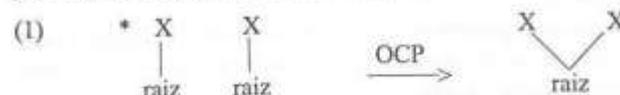
Valéria Neto de Oliveira Monaretto
CPGL/PUCRS

I - INTRODUÇÃO

Na Teoria Auto-segmental, o som da fala é representado por uma estrutura ramificada de traços fonológicos. Esses traços, segundo Clements (1989), são dispostos hierarquicamente em estruturas arbóreas a partir de um nó de raiz que domina o nó laríngeo e o supralaríngeo, cada qual com ramificações que levam aos traços fonéticos terminais (unidades melódicas).

A idéia é que cada traço está representado em *camada*¹ independente, ligada a outras por linhas de associação que não podem cruzar-se, segundo *Condição de Boa-Formação* (cf. Goldsmith, 1976).

Cada segmento, então, definido por um nó de raiz, ocupa, em princípio, uma posição X na linha temporal (chamada também de esqueleto prosódico). Todavia, ligações não são necessariamente bidirecionais, sendo possível, por força do *Princípio do Contorno Obrigatório* - OCP (Leben *apud* Goldsmith, 1976), que proíbe seqüências de segmentos idênticos no nível melódico, uma só unidade de raiz corresponder a duas unidades temporais, como é o caso de consoantes geminadas.



Neste artigo, argumentamos em favor da idéia de que só existe na subjacência a vibrante simples, o *tepe*² e que sua realização na posição de contraste (entre vogais) seria entendida como uma vibrante simples versus duas ou geminadas.

¹ O termo *camada* está para *tier*.

² O termo *tap* foi traduzido para *tepe* conforme o fez CAGLIARI, Luis Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas, 1981, 185p.

2 - A VIBRANTE

A vibrante no português possui uma extensa gama de variações, sobretudo se forem levadas em conta variedades regionais. Mas o que mais chama a atenção são as controvérsias quanto a seu *status* fonológico. A literatura registra duas interpretações pertinentes:

a) o português possui duas vibrantes: a forte e a fraca;

b) o português possui apenas um fonema vibrante, que, para Câmara Jr. (1953), é a vibrante forte e, para Lopes (1985), é a vibrante fraca.

Para Câmara Jr. (op. cit.), a oposição da vibrante se faz em termos de geminada *versus* não geminada, pois o *r* pode ser geminado como qualquer outra consoante no sistema latino. Assim, no latim, a oposição de *ferrum x ferrum* é do mesmo tipo que a de outras consoantes como *casus x cassus*, *colis x collis* e *ager x agger*.

Ainda argumentando diacronicamente, o autor diz que o *r* fraco corresponde a um enfraquecimento do *r* simples latino na posição intervocálica, como ocorreu com outras consoantes simples que se tornaram fracas na evolução do romance lusitano. Por conseguinte, o *r* forte é o prolongamento do *r* latino, mantido em posição inicial ou medial não-intervocálica.

Diz Câmara Jr. que, foneticamente, não se sente a presença de dois membros na posição intervocálica a não ser em casos de delimitação vocabular como em *ar roxo x arrocho*. Em *arrocho*, a presença do primeiro *r* ocorre apenas pela manutenção do som forte do segundo elemento, que é não-intervocálico. Desse modo, é possível, pois, eliminar o contraste de dois *r* na mesma posição, admitindo-se uma geminação para o /r/ forte intervocálico. A anulação fonética do primeiro elemento de uma geminação consonântica continua sendo regra viva no português como em *amar+lo* → *amal+lo* → *amá-lo*.

Com base nesses argumentos, Câmara Jr. defende a idéia (mais tarde abandonada) que o português possui apenas a vibrante forte no seu sistema e que o *r* brando é uma variante enfraquecida.

Barbara Lopez (op. cit.) também crê na existência de um só fonema na estrutura subjacente, mas, ao contrário de Câmara Jr., considera ser este o *r* fraco, diante das seguintes evidências:

- em posição final de palavra, só a vibrante branda ocorre, o que se revela quando se acrescenta o morfema de plural ou um morfema derivativo (*mar, mares, marítimo*). Por exemplo, em *mar+es*, o resultado é [mares] e não [maxes] (no dialeto carioca);

- em *carro*, a vibrante tem o mesmo ambiente do que em *mar+es*, ou seja, entre vogais, o que argumenta em favor da idéia de que o fonema em *carro* é o mesmo do que em *mares*;

- a vibrante forte não assimila a sonoridade da consoante que a segue como acontece com outras obstruintes em final de sílaba. A vibrante

da palavra *carga*, por exemplo, é pronunciada, no dialeto carioca, como uma fricativa velar surda em vez de sonora;

- em grupos consonantais, só o *r* brando ocorre;

- em início de sílaba, é possível interpretar o *r* como brando nos casos em que se acrescenta um prefixo terminado por uma consoante à palavra iniciada por [x] como, por exemplo, em *in+regular*. Neste caso, o /n/ assimila a consoante inicial da raiz (*in > rr*), e a combinação /rt/ torna-se foneticamente forte. Na assimilação, o 2º /r/ torna-se [x], porque, na posição de sílaba inicial segue uma consoante e o 1º /r/, ainda [r], é absorvido. Apesar de ser possível uma assimilação de /n/ para /x/, seguida de uma degeminação, a alternativa de interpretar o fonema subjacente /r/ e não o /x/ apóia-se na evidência de que os únicos fonemas entre os quais ocorre assimilação na fonologia sincrônica do português são os que podem ocorrer em final de sílaba. Como [x] não é um fonema possível em final de sílaba na subjacência, a assimilação em *irregular* só pode ser explicada se *regular* começar por /r/, a vibrante simples. A vantagem dessa interpretação é que todo [x] intervocálico pode ser derivado pelo mesmo processo.

Com base nesses argumentos, consideremos a seguinte distribuição, que os dados do português falado no Sul do País apresentam:

(2)		/r/ forte	/r/ fraco
/ #	_____	roupa, rato	-----
\$		honra, genro	
/ _____	#	mar, vender	/ _____ #
\$		carta, verde	~ \$
		(escasso uso)	
		----	C _____
			grupo, praia
		V _____	V _____
		V carro, murro	V caro, muro

Essa distribuição mostra que a oposição existe apenas em um dos contextos fonológicos, "entre vogais" (a última no quadro), onde a substituição de um pelo outro origina palavras de significação diferente, e que existe um contexto tipicamente exclusivo para a vibrante simples, o de grupo consonantal e outro para a vibrante forte, a posição inicial (posição de ataque). Em posição de *coda*, a variação é previsível, na qual a substituição de um pelo outro não altera o sentido.

Se a esses dados, somarmos o argumento de Lopez de que na junção de palavras ocorre a vibrante simples, esta, então, é a mais freqüente.

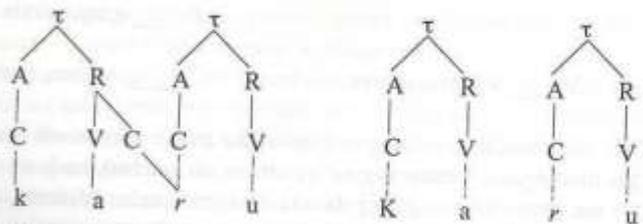
Assim, diante do exposto, compartilhamos da idéia de existir uma só vibrante e ser esta a simples, ou seja, o *tepe*. A isso, anexamos mais uma informação: nossa pesquisa, que teve por objetivo verificar se a vibrante é articulada na zona anterior ou posterior da boca e descrever o comportamento variável desse fonema, verificando o papel das fatores sócio-culturais intervenientes na fala de quatro regiões sociolinguísticas representativas do Rio Grande do Sul, revelou que, em zona de colonização européia (italiana e alemã), não existe distribuição alguma entre as realizações forte e fraca da vibrante. É verdade que aí temos de levar em conta o problema de interferência de uma segunda língua, visto que os falantes são bilingües. Embora seja admissível essa influência, tomamos o fato de os falantes bilingües interpretarem as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica também como evidência em favor da idéia de um só fonema.

Com isso, apoiamo-nos na tese de Lopez (op. cit.) de que a vibrante fraca é a forma subjacente da única vibrante do sistema do português. Assim, na posição intervocálica, ambiente esperado para contraste, quando existir *r-forte*, este será o resultado da união de dois *r-fracos*.

Na palavra *caro*, por exemplo, o fonema da subjacência se superficializa, e, na palavra *carro*, encontram-se duas vibrantes fracas, uma em posição de final de sílaba, como *car-*, outra em posição inicial como *-ro*, que juntas formam uma vibrante forte. Essa análise fundamenta-se na de Harris (1983, p. 68) para o espanhol, que defende a idéia de um único fonema *r*, cuja representação fonética da vibrante múltipla intervocálica deriva de uma geminada heterossilábica.

Na forma subjacente, o contraste *r/rr*, vibrante fraca e forte, tem a seguinte representação:

- (3) a. *carro* = Kar + ro b. *caro* = ka + ro



A árvore mostra que existem em (3a) dois *r* fracos, mas, em virtude do OCP, que proíbe seqüências de segmentos idênticos adjacentes no nível melódico, os dois *r*-fracos ficam reduzidos a um só. O *r*-forte é, pois, uma vibrante simples com dupla ligação.

No caso de *caro*, em (3b), a vibrante fraca distingue-se da forte pela ramificação simples que apresenta:

- (4) a. vibrante forte com ligação dupla b. vibrante fraca com ligação simples

O valor contrastivo, que o sistema do português apresenta para o ambiente intervocálico, é, em nosso entender, o resultado de uma geminação, representada pela estrutura de ligação múltipla em (4a) que se opõe à representação de uma só ligação, em (4b).

Os casos em que não há geminadas e ocorre a variante da vibrante forte na superfície, como em início de palavras e depois de consoante (*rato* e *genro*), são o resultado de uma *Regra de Reforçamento*, que converte a vibrante fraca em forte:

- (5) *Regra de Reforçamento de /r/*

/r/ > [r̄] # —

C S

A não aplicação dessa regra dá conta das variáveis encontradas, sobretudo, nas regiões bilingües, onde apareceram formas como [ratu] ~ [xatu] (vibrante alveolar ~ vibrante velar). Já a extensão do ambiente dessa regra para a posição de *coda* tem seu caráter variável. Sobre isso nos detemos em trabalho posterior.

Embora essa proposta de análise tenha o contra-argumento de que sincronicamente não existem outras consoantes geminadas e de que a vibrante figuraria como uma exceção, as evidências a favor da idéia de uma só vibrante parecem convincentes. Por isso, nos filiamos à corrente dos que defendem a hipótese de o sistema fonológico do português possuir apenas uma vibrante.

Referências bibliográficas

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa* Rio de Janeiro, Simões, 1953. — op. cit. 2. ed. Org. por P. Barabadinho Neto. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.
- CLEMENTS, G. N. *On the representation of vowel height*. Cornell: Cornell University, Paris, 1989.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental Phonology*. Tese de Doutorado, Mit, 1976.
- HARRIS, James W. *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1983.
- LOPEZ, Barbara. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Tese de doutorado. University of California, Los Angeles, 1985. 265p.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1992, 104p.